



A ARTE COMO MEIO DE MOTIVAÇÃO À REFLEXÃO CRÍTICA

Narda Teles Yamane¹

RESUMO

A presente pesquisa propõe discutir a importância da arte e sua relação com a filosofia no despertar da reflexão crítica. Com este intuito, buscamos localizar na arte, temas filosóficos que possam ser trabalhados em sala de aula. Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica e a análise da obra de Ésquilo, Prometeu Acorrentado, tendo em foco a questão do poder. Nossas principais fontes de estudo foram os teóricos Vygotsky (1991, 2012), Paulo Freire (2013), Ana Mae Barbosa (1975, 1998, 2005) e o dramaturgo Ésquilo (2005). Partindo dessas análises, vimos que a imaginação e a criticidade, abordada pelos teóricos, estão interligadas tanto na arte quanto na filosofia, possibilitando uma educação integral. Por fim, concluiu-se, que aproximar a arte da filosofia enriquece a construção de aptidões do pensamento e pode ser um caminho ressignificante na construção do próprio aprendizado humano.

Palavras-chave: Arte. Filosofia. Aprendizagem. Criticidade

1 INTRODUÇÃO

O ensino tem passado por inúmeros problemas nas últimas décadas. O que é visível diante do baixo nível de aprendizado dos alunos. Eles não têm desenvolvido as habilidades necessárias para um pensamento autônomo. Quando muito, tornam-se apenas reprodutores de discursos ou teorias memorizadas. E apesar da diversidade de materiais didáticos disponíveis, é frequente, o desinteresse do aluno pelo estudo; o que leva, inevitavelmente, a um desestímulo do professor e à monotonia no processo ensino-aprendizagem. E mesmo disciplinas como a filosofia, que tem o papel de desenvolver um pensamento crítico, esbarra nesta dificuldade. Este quadro nos inquietou, nos obrigou a repensar os paradigmas de nossa prática, e conseqüentemente, buscar novos. Eis o grande desafio do professor na atualidade: procurar novos meios didáticos capazes de despertar o interesse dos alunos pelos estudos. Isso fez com que esta pesquisadora observasse o comportamento dos discentes. E em meio a tantas

¹ Graduada em Filosofia (1998- UFAM) e Bacharel em Jornalismo (2012 – UNINORTE). Especialista em Metodologia de Ensino de Filosofia e Sociologia (2020 – UNIASSELVI. Mestranda em Ciência da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção (2020 – UAA).

situações do ambiente escolar, percebeu que havia algo que os motivava, que os envolvia, e que os fazia desafiarem a si mesmos: a arte.

Diante disso, voltamos nosso olhar para uma dimensão do aprendizado há muito esquecida: aquela em que ao criar além do palpável criamos a nós mesmo numa conexão com o imensurável. Surgiram então, vários questionamentos: É possível através da arte despertar a vontade de conhecimento? A compreensão da realidade? O pensamento autônomo? Daí veio o desejo de investigar se há na arte, assuntos que sejam reiterados à atualidade, e através deles, motivar a reflexão crítica nas aulas de filosofia. Foi com este intuito que selecionamos uma obra de arte da área literária, a fim de, experimentalmente verificar nela, temas da filosofia que possam ser abordados de forma crítica. Nessa perspectiva nosso objetivo é analisar a obra de arte Prometeu Acorrentado.

Para alcançar este propósito, se fez necessário estruturar este trabalho em três momentos. Pesquisar as dificuldades do ensino aprendizagem, buscando compreender como se dá esse processo. Depois, conhecer a diferença entre as linguagens artística e filosófica, conceitos. Por fim, realizar a análise da obra de arte Prometeu Acorrentado. Isso, nos levou a escolher a pesquisa bibliográfica, que conforme Gil:

[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (GIL, 1988, p. 48).

Creemos que este aprofundamento bibliográfico se faz necessário para vislumbrarmos onde a arte dialoga com a filosofia, nos dando assim, as informações necessárias para responder a problemática desta investigação.

2 A ARTE COMO MEIO DE MOTIVAÇÃO À REFLEXÃO CRÍTICA

O total desinteresse humano pela aprendizagem, tem conduzido a sociedade, à impasses que parecem intransponíveis. Buscar superar esta situação, visando a arte como meio motivador à reflexão crítica, é uma tarefa, que a princípio se mostra controversa. Pois Filosofia e Arte são linguagens distintas e aparentemente opostas. É um assunto que, ao nosso ver, se entrecruza com outras questões, as quais explicitaremos a seguir.

2.1 Dificuldades do ensino aprendizagem

A dificuldade no ensino de filosofia retrata um panorama vivenciado por todas as áreas do conhecimento. Portanto, acreditamos ser necessário, neste breve estudo, consultar alguns teóricos da área da educação, a fim de aprofundar nosso entendimento sobre o assunto.

Isso nos levou a Vygotsky (1991, p. 43), que explica que o desenvolvimento cognitivo não é determinado apenas pelo amadurecimento biológico, mas também pela interação do sujeito com o meio social. Essa interação se dá, imprescindivelmente, no contato entre as pessoas e na troca de ideias e pensamentos, permitindo novas experiências e conhecimentos. Segundo o teórico: “[...] a imaginação, de modo geral, é tão necessário na arte como na ciência. Não fosse esta capacidade, [...], a humanidade não seria capaz de criar a Astronomia, a Geologia e a Física” (VYGOTSKY, 2012, p. 52).

A imaginação, portanto, é criadora. Por isso, aprender é um processo interno, não acontece de fora para dentro, ele não se restringe à simples decodificação de símbolos. É o que nos diz a pedagogia libertadora de Freire (2013, p. 27): “[...] a alfabetização não é um jogo de palavras, é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano”. E ainda prossegue: “A alfabetização, [...], é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra. E a palavra humana imita a palavra divina: é criadora”. Isso significa que a imaginação possibilita criar novas formas de conhecimento sobre o mundo.

Nesse aspecto, Barbosa (2005, pp. 27-28), explicita: “Não se alfabetiza fazendo apenas juntarem as letras. Há uma alfabetização cultural sem a qual a letra pouco significa”. Conforme a autora (1998, p. 16), “A arte, como uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem [...]”. Por isso, segundo Barbosa (1975, p. 61): “Nós precisamos de um modo de ensinar através da interação mental, e a essência da aprendizagem artística consiste em pensar em termos de interação”.

Entende-se, portanto, que o professor precisa ser um mediador capaz de criar espaços de interação, participação, colaboração, permanentes desafios e imaginação. E assim, desenvolver um aprendizado interno, ao qual o aluno desenvolva sua própria palavra, seu pensamento. E a arte pode ser um campo rico para germinar tal aprendizado.

2.2 A linguagem da arte e a linguagem da filosofia

O nome arte provém do latim *ars*, e se traduz habilidade. Ele equivale à palavra grega *techné*, que chamamos técnica. Para os gregos da Antiguidade, a *techné* era aliada à *epistéme*, traduzida hoje por ciência. E a *epistéme* era responsável pela revelação ou

descobrimos da realidade. Segundo Paviani (2013, p. 106), para Platão, a *epistémé* é o mais alto nível de conhecimento que se pode ascender, pois transcende à crença e à opinião, através da inteligência e do entendimento.

Sendo assim, podemos dizer que a arte é a criação de algo tão bem feito, que descortina o manto escuro que encobre a realidade. Por isso, ela encanta e deslumbra, pois possui o atributo da revelação. Nietzsche (1996, p. 50) em o *Nascimento da Tragédia* diz que a arte "[...] é a grande possibilitadora da vida, a grande aliciadora da vida, o grande estimulante da vida". Então, o autor deixa claro, que ela possui uma grandeza que não podemos ignorar.

Já a palavra filosofia vem do grego e é a junção de outras duas palavras: *philos* que significa amor e *sophia* que quer dizer sabedoria. Porém, o seu conceito passa por muitas controvérsias, tanto entre filósofos quanto entre estudiosos. Afinal, ela difere dos outros saberes como nos ensina Nagel:

Ao contrário da ciência, ela não se apoia em experimentos ou na observação, mas apenas na reflexão. E, ao contrário da matemática, não dispõe de nenhum método formal de verificação. Ela se faz pela simples indagação e arguição, ensaiando ideias e imaginando possíveis argumentos contra elas, perguntando-nos até que ponto nossos conceitos de fato funcionam (NAGEL, 2007, p.2).

Então, de forma geral, podemos dizer que a filosofia é uma atitude racional, baseada em argumentos e no exame de evidências. Portanto, ela busca conhecimentos fundamentados pela razão, enquanto a arte expressa conhecimentos através da sensação e emoção. No entanto, as duas são fontes de conhecimento, elas vão além das aparências e se sobrepõem ao senso comum. Nos parece, que aqui encontramos uma confluência entre arte e filosofia. Elas trazem luz à escuridão, retiram o véu da ignorância e tornam visível a realidade. E é esse o principal viés que nos interessa: essa característica reveladora.

2.3 Leitura da obra Prometeu Acorrentado

A obra de arte selecionada, Prometeu Acorrentado, escrita por Ésquilo em 470 a. C., é uma tragédia grega, portanto, faz parte da literatura dramática universal. Sua escolha se deu por tratar de um mito, que em sua natureza é atemporal e explica como algo passou a existir. É o que nos explicita Eliade (2006, p. 11): “O mito conta uma história sagrada; [...] relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, [...]. É sempre, portanto, a narrativa de uma criação: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser”. No entanto, vale

ressaltar, que acreditamos que todas as linguagens artísticas possam ser materiais férteis para a prática do ensino. Dito isso, iniciemos nossas ponderações:

“Tu serás sempre, ó Poder, destituído de piedade, e capaz de tudo!”

(Ésquilo – Prometeu Acorrentado)

A frase do dramaturgo citada acima, reflete, a nosso ver, um dos conflitos mais inquietantes de nossa atualidade: o poder. Afinal, a sociedade contemporânea parece ter entrado numa decadência civilizatória frente a atitude de seus governantes. Atitudes que se mostram conflituosas em relação a um sistema ético alçados sobre princípios humanistas. Por isso, pensamos ser este, um tema necessário e importante a ser refletido. Partindo deste entendimento, um resumo do mito e da obra se faz necessário, a fim de contextualizar o leitor.

No princípio só havia o instável deus Caos (Universo), e dele nasceu Gaia (Terra), iniciando uma certa ordem no Universo. Sobre ela se estabilizaram o fogo, o ar, a água e a terra, e assim; formaram-se as paisagens. Sozinha ela concebeu dois filhos, um deles é Urano (Céu), que ao amá-la gerou uma grande prole de titãs, a qual ele odiava e aprisionava assim que nasciam. Gaia não aguentando o tormento dos filhos criou uma foice e entregou-a a eles. Porém, apenas Cronos (Tempo), o mais novo, teve coragem de pegá-la. Com esta arma castrou seu pai Urano, que fugiu para as alturas. E desta forma, inicia o governo de Cronos, que devorava todos os seus filhos ao nascerem. Tinha receio que uma profecia que enunciava sua derrocada por uma de suas crias se cumprisse. Porém, sua esposa Réia (Aquilo que flui), salva um de seus filhos, Zeus (Júpiter); que declara guerra a Cronos. Zeus sabe que só venceria se conhecesse, de antemão, as estratégias de guerra do seu pai. Então busca ajuda de Prometeu, que era um titã, e o significado de seu nome é: aquele que vê antes, ou seja, aquele que prevê o futuro. Durante a guerra contra Cronos, ele se aliou a Zeus, por isso não foi jogado ao Tártaro. E Zeus, só venceu as batalhas, pelas vidências recebidas de Prometeu. Após o conflito, ao se tornar senhor absoluto, Zeus resolve destruir a humanidade. E como os homens eram uma criação de Prometeu, este pede ao deus dos deuses compaixão em nome dos mortais. No entanto, Zeus permanece irredutível. Isso leva o titã a roubar a arma mais poderosa de Zeus, o fogo, e entregá-la à humanidade. Com o fogo, os mortais saem da escuridão, e através do discernimento, aprendem com Prometeu todas as artes: Ciência, Letras, Cálculos, enfim, passam a dominar a Natureza. Isso gera um ódio tão grande em Zeus, que ele envia o Poder, a Violência e Hefesto (Vulcano), ferreiro guardião do fogo, para aprisionar o titã ao Cáucaso, com correntes indestrutíveis.

E é justamente aí, que inicia o espetáculo: a Violência e o Poder ordenando a Hefesto o aprisionamento de Prometeu. O ferreiro não deseja realizar tal ordem, porém o faz, por medo de Zeus. Após a detenção do titã, entram as ninfas do Oceano, elas formam o coro e lamentam o terrível destino do titã. O próprio Oceano adentra a cena e se mostra solidário a Prometeu, diz que vai ao Olimpo suplicar sua soltura. No entanto, o titã não aceita, pois sabe que Zeus não o absolverá. As filhas do Oceano perguntam a Prometeu o motivo de tão cruel castigo. Ele explica que Zeus, mal subiu ao trono mostrou-se tão tirano quanto o seu pai, Cronos. E que sem justificativa nenhuma decidiu aniquilar a humanidade. Isso levou-o a entregar o fogo aos mortais tirando-os da escuridão. Cita também, como a humanidade vivia na ignorância e os benefícios que o discernimento gerou aos homens. E ainda mais, prevê o destronamento de Zeus; informação esta que segundo o titã, não a revelará, pois dela depende sua liberdade. Surge Io, bela jovem a qual Zeus se apaixonara, transformada em novilha, fugindo desesperada dos insetos que incessantemente a picam. Castigo dado pela ciumenta Hera, esposa de Zeus. Io e Prometeu lamentam suas desditas, mas o vidente revela a jovem seu futuro, mostrando que ela terá sossego e que será um dos seus descendentes que o libertará. Explicita também que um filho do próprio Zeus o destronará, e que apenas ele, através de suas previsões, poderá impedir. Ao ouvir tal informação, Zeus envia Hermes (Mercúrio), seu fiel mensageiro, para interrogar Prometeu com inúmeras advertências; a fim de descobrir como evitar o seu destronamento. Hermes ameaça o titã, caso ele não fale, Zeus aplicará um castigo mais terrível que o atual: um raio o lançará para o Tártaro e quando ele retornar à luz, uma ave devorará suas entranhas todos os dias. No entanto, mesmo diante de algo tão aterrador o titã não cede a Zeus, que com seu poderoso raio, realiza o cruel castigo, lançando Prometeu ao fundo da terra.

Para realizarmos a análise desta obra iremos dividi-la em quatro partes: a primeira abordaremos a proveniência de Zeus e o aprisionamento de Prometeu; a segunda a visita das ninfas e de Oceano, a terceira seu encontro com a Io e a quarta seu embate com Hermes. Este esquema respeita o próprio desdobrar da história.

I. Cronos derrota seu pai Urano, numa luta pela liberdade, visto que o titã aprisiona os próprios filhos. Portanto, seus descendentes são vítimas de sua crueldade, do seu poder. No entanto, depois que vence o pai, Cronos se torna tão tirano quanto ele. Passa a devorar os filhos para permanecer no poder. O poder é mais importante que suas crias. Depois vemos mais uma vez a história se repetir através de Zeus. Que luta contra Cronos, seu pai, pelo direito à vida. No entanto, quando vence, torna-se também um tirano. Por que motivo a vítima torna-se o agressor? Afinal é o homem que domina o poder ou é o poder que domina o

homem? Vejamos o que nos diz a dramaturgia: No início da peça, Ésquilo retrata Zeus através da Violência e do Poder, que obrigam Hefesto a cumprir sua ordem. A Violência silenciosa, mas sempre presente, enquanto o Poder ordena, conforme a infra citação:

PODER: [...] Cumpre-te agora, ó Vulcano, pensar nas ordens que recebeste de teu pai, e acorrentar este malfeitor, com indestrutíveis cadeias de aço, a estas rochas escarpadas. Ele roubou o fogo, — teu atributo, precioso fator das criações do gênio, para transmiti-lo aos mortais! Terá, pois, que expiar este crime perante os deuses, para que aprenda a respeitar a potestade de Júpiter, e a renunciar a seu amor pela Humanidade (ÉSQUILO, 2005, p. 5).

Vê-se aqui, que Zeus governa só. Ele determina o castigo daqueles que não o obedecem. A vontade dele, é uma ação imposta sobre os outros, conforme seus interesses. Muito diferente das ideias de um governo pautado pela liberdade, igualdade e fraternidade. Concepções estas que fundamentam a atual democracia. Que é um governo, em que o povo elege, pelo voto, seus governantes. Onde o poder está dividido em três: executivo, legislativo e judiciário. Portanto, o eleito não governa sozinho. O povo dá ao governante o poder de comando, para que ele governe levando em consideração tais ideais, em prol do bem comum. Mas essa diferença se aplica a todos os governos atuais? Todos os governantes agem de acordo com os princípios humanistas? Neste sentido verifiquemos o texto abaixo:

VULCANO: Para vós, Poder e Violência, — a ordem de Júpiter está cumprida; nada mais resta a fazer. Quanto a mim, sinto-me sem coragem para acorrentar pela força a um deus, meu parente, sobre esta penedia, exposto à fúria das tempestades! Vejo-me, no entanto, coagido a fazê-lo, pois seria perigoso esquecer as ordens de meu pai (ÉSQUILO, 2005, p. 5-6).

Aqui Hefesto se mostra amedrontado, é perigoso desobedecer a Zeus. O temor de sofrer um castigo igual ao de Prometeu o minou. Por isso, se subjugou a vontade do tirano e comete o hediondo ato de aprisionar o irmão. Seria essa caracterização do poder ainda existente em nossa modernidade? É possível haver liberdade onde há medo? O medo é uma forma de controle? A resistência de Prometeu também é um controle? Observemos o que nos diz a próxima citação:

PROMETEU: Graças a mim, e a meus conselhos, foi-lhe possível precipitar nos negros, e profundos abismos do Tártaro, o venerando Saturno e todos os seus defensores. Após tamanho serviço, eis o prêmio ignóbil com que me recompensou o tirano do céu! Tal é a prática freqüente da tirania: a ingratidão para com seus amigos... (ÉSQUILO, 2005, p. 19).

Esta fala evidencia a tortura como uma prática da tirania. Não há diálogo, não há defesa. O poder do governante caracteriza seu próprio caráter. E é justamente contra isso que o titã se coloca, contra o autoritarismo imposto aos outros. E mesmo sob tortura, mantém-se firme em suas crenças, sem permitir que Zeus o controle. Isso, nos levanta mais

questionamentos, como: Nosso governo nos controla? Fazemos o que nos é imposto? Se o homem nasceu livre porque tornar-se escravo de outros? Estas indagações são fomentadas nesta cena por vermos um Hefesto servil e escravizado.

II. Após a saída de Hefesto entra o coro, representado pelas ninfas do Oceano, que de acordo com as tragédias gregas são a representação do povo. Neste caso, o coro se condeí diante do sofrimento de Prometeu e recomenda que ele se submeta a vontade de Zeus. Isso revela o aspecto submisso do povo em relação ao poder. Contudo, Prometeu reafirma seus princípios de acordo com a fala a seguir:

PROMETEU: “[...]! Eu havia previsto tudo... Eu quis cometer o meu crime! eu o quis, conscientemente, não o nego! Para acudir aos mortais, causei minha própria perdição [...]” (ÉSQUILO, 2005, p. 22).

Isso é, sem dúvida, um ato de resistência de Prometeu. Tanto, que quando Oceano entra, suas palavras não surtem efeito sobre o titã. Oceano cedeu ao autoritarismo, mesmo sem concordar com o governo vigente. O que corrobora o medo dos deuses em relação ao soberano. É o que se entende no escrito subsequente:

OCEANO: Eu o vejo, Prometeu... E, seja qual for tua sagacidade, eu te darei um conselho... Concentra-te em ti mesmo; um novo Senhor domina os deuses; convém que tomes, pois, outros sentimentos... Se te mantiveres nestes protestos injuriosos, do alto do Olimpo Júpiter há-de te ouvir, e brevemente teus males, agravados, farão com que tenhas saudade da condição atual. Abafa, ó infeliz, tua cólera impotente; procura alcançar o perdão...[...] (ÉSQUILO, 2005, p. 24).

Veja que Oceano faz críticas as atitudes de Prometeu, chama seus protestos de injuriosos. Mas Prometeu preserva sua liberdade de pensamento. O que nos leva a outro conceito interessante ligado ao poder: A liberdade. Afinal o que é liberdade? O controle é necessário para existir liberdade? É possível ser livre com o corpo aprisionado? A fala de Prometeu abaixo, nos direciona a essa reflexão, quando ele se opõe ao deus Oceano.

PROMETEU: [...]! Mas, basta! Abandona esses inúteis cuidados; tu não me farás ceder. Cuidado! Não te cause esta visita alguma desgraça!... (ÉSQUILO, 2005, p. 25).

III. Ao término do diálogo com Oceano entra Io. O infortúnio dela é tão atroz quanto o de Prometeu, e estão ligados a Zeus. Ambos sofrem por resistirem ao deus tirano. Io, uma jovem de grande beleza é transmutada em animal, perseguida por insetos e forçada a vagar pelo mundo sem que ninguém a socorra. Seu sofrimento chega a levá-la ao total desespero conforme o enunciado abaixo:

IO: Para que me serve a vida? Por que não me precipito desta rocha escarpada? A pedra que me esmagasse seria minha salvação... melhor será morrer uma vez, do que penar todos os dias (ÉSQUILO, 2005, p. 48).

No entanto, Prometeu prevê o fim do seu tormento, e ainda mais; diz que Zeus pagará em breve pelos seus crimes. O grande tirano perderá o poder:

PROMETEU: Como suportarias, então, os tormentos que padeço eu, que estou impossibilitado de morrer! A morte ser-te-á, ao menos, o fim de teus sofrimentos, ao passo que minhas dores só terão fim quando Júpiter for despojado de seu poder.

IO: Que dizes? Perderá Júpiter, um dia, o seu império? Ah! Como eu folgaria se pudesse testemunhar esse fato! Nem poderia desejar outra coisa eu, a quem ele trata com tanta crueldade!

PROMETEU: Ele perdê-lo-á, fica certa (ÉSQUILO, 2005, p. 48-49).

IV- Esta informação desencadeia um temor em Zeus. Ele sabe que o titã possui um conhecimento vital para sua permanência no poder. Então, envia Hermes para interrogá-lo e descobrir como evitar tal fato. Hermes vem carregado de ameaças terríveis a Prometeu, caso ele não fale como evitar a derrocada de Zeus.

MERCÚRIO: Vejo que meu apelo é inútil, e que meus conselhos não conseguiram convencer-te. Tal qual um cavalo indomável, não afeito ao jugo, mordes o freio e resistes... Mas teu redobrado furor nada vale, afinal. Nada mais impotente do que o orgulho dos insensatos. Visto que não logrei persuadir-te, pensa, ao menos, na tempestade de novas desgraças que hão-de cair sobre ti. Júpiter, por meio de raios, espedaçará este rochedo escarpado; teu corpo permanecerá esmagado sob os fragmentos da montanha. Ao cabo de longo tempo, reaparecerás um dia... Então, um abutre insaciável, — o cão alado de Júpiter — virá arrancar de teu corpo enormes pedaços e, — comensal não desejado — voltará todos os dias para se nutrir de teu fígado negro e sangrento. Desse tremendo suplício não esperes ver o fim, salvo se algum deus quiser ficar em teu lugar, a descer aos antros do invisível Plutão, nos redutos sombrios do Tártaro. Pensa, pois, eu te conjuro! — o que digo não é uma série de vãs ameaças; é uma sentença inapelável. A boca de Júpiter não mente nunca; o que ele diz, realiza-se inexoravelmente. Pensa, e pondera, Prometeu; a teimosia não vale tanto como a prudência (ÉSQUILO, 2005, p. 65-66).

Hermes tenta desqualificar a resistência de Prometeu. Uma forma de defender sua submissão ao deus do Olimpo. Ou seja, o mensageiro de Zeus, apesar de livre, está preso em sua ignorância. E Prometeu sabe disso, tem o conhecimento, um discernimento que está à frente de todos. O que nos suscita outras questões, como: Onde há resistência há poder? O conhecimento é uma forma de poder? Vejamos o que o titã nos diz a seguir:

PROMETEU: Que discurso arrogante e soberbo! E como fica bem ao ministro dos deuses! Novos senhores de um novo império, vós acreditais habitar palácios inacessíveis às desgraças... Pois bem! Por acaso não vi eu caírem dois tiranos? Verei a queda do terceiro: será a mais rápida e a mais

vergonhosa. Pensas porventura que me acovarde, e que me submeta a esses novos deuses? Longe disto estou, Mercúrio! Podes ir-te embora! Volta sem tardança ao lugar de onde vieste: nada mais saberás por mim (ÉSQUILO, 2005, p. 61).

Aqui Prometeu aponta como é inútil a opressão de seus inimigos. A tortura e a dor são impotentes diante do titã, o que mostra a própria impotência de Zeus. Hermes nada pode fazer para forçá-lo a falar. A força e a violência não são capazes de subjugá-lo. Ele está livre, mesmo preso. Sua liberdade é sua capacidade de filosofar, de desvelar a realidade que nos apresentam. Isso, fica claro no texto abaixo:

PROMETEU: Sabe que eu não consentiria em trocar minha miséria por tua escravidão. Prefiro, sim! prefiro jazer acorrentado a este penedo, a ser o mensageiro e confidente de teu pai. Eis aí como podemos ferir àqueles que nos maltratam (ÉSQUILO, 2005, p. 61).

Por fim, Prometeu é lançado ao abismo. Esse final, mostra que o titã leva às últimas consequências seus atos. Ato de compartilhar o conhecimento, permitindo aos mortais o uso da razão, instrumento pelo qual pode fazer suas escolhas conscientemente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste breve estudo, podemos evidenciar, por intermédio de referências bibliográficas, importantes contribuições teóricas sobre a aprendizagem. Nessa perspectiva, tanto Vygotsky, Paulo Freire e Ana Mae Barbosa compartilham da ideia de que o desenvolvimento do indivíduo precisa ser integral, e que para isso, o contexto social e a natureza humana são fundamentais. Portanto, o professor necessita ser um mediador que assegure um ambiente de interação, que fomente a dialética e que possibilite a criatividade através de atividades desafiadoras, pelas quais se apreende. Esses estudiosos afirmam a importância da imaginação e da criatividade no processo de construção do conhecimento. Assim sendo, compreendemos que a arte é uma ferramenta significativa para o ensino, pois ela ocorre através da interação, do debate, das sensações, do autoconhecimento, da resignificação da vida e da reflexão crítica. A arte não deve ser apenas uma disciplina, ela é uma experiencição, pela qual o ser humano se constrói e constrói o mundo em que vive.

Diante do exposto, basta observarmos o mundo que construímos e a relação que estabelecemos uns com os outros: guerras, intolerância religiosa e étnica, neonazismo, exclusão social, expansão de ditaduras, ataques terroristas, COVID 19 etc. Nos parece que o mundo ficou vazio de sentido. O que corrobora para a crise educacional da atualidade, onde os valores são feitos apenas para ajustar-se ao mercado global. Portanto, os teóricos citados acima, nos apontam um caminho, uma proposta educativa, onde a arte faça parte novamente

da construção do ser humano. Isso nos remete a Jaeger (1957, p. 48), ao afirmar que Platão dizia que, na *Paideia*, Homero era um educador, um poeta educador. Mas nos últimos séculos a arte tem sido suprimida do cotidiano, e em seu lugar, vemos apenas lixo cultural.

Desse modo, cremos que a arte não deve ser ignorada, pois ela é uma aliada transformadora na educação. E mais, como defende Ana Mae Barbosa, ela possibilita o aprendizado em todas as disciplinas. Em virtude disso, analisamos Prometeu Acorrentado, na busca de encontrar temas filosóficos, que possam ser equiparados a fatos atuais, e pela dialética, provocar a reflexão crítica da realidade. Nesta busca, selecionamos a problemática do poder, e constatamos, que esta questão, já era uma preocupação advinda desde a Antiguidade. E que os gregos, já refletiam a característica refratária do exercício do poder. Isso nos levou a uma imersão na obra, pela qual, inúmeros questionamentos surgiram, apontando assim, envoltos a símbolos, vários temas filosóficos. Entre eles, podemos citar: O que é o poder? O homem domina o poder ou é o poder que domina o homem? Onde há controle há poder? A resistência é um controle? O que é liberdade? O controle é necessário para existir liberdade?

Por fim, eis acima a arte nos levando à prática do filosofar. Afinal, é através de questionamentos que aprofundamos indagações que antes nos passaram despercebidas. Sabemos, é claro, que há necessidade de explorar mais profundamente este tema, como também, refletir sobre nossa prática pedagógica. No entanto, cremos ter vislumbrado que a Arte e a Filosofia podem ser uma aliança promissora a contribuir com o aprendizado.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e Prática da Educação Artística**. São Paulo: Cultriz, 1975.

_____. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

_____. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ELIADE, Micea. **Mito e realidade**. Trad. Póla Civelli. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ÉSQUILO. **Prometeu Acorrentado**. [Recurso Eletrônico]. Trad. João Baptista de Mello e Souza. eBook, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. [Recurso Eletrônico]. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1988.

JAEGER, Werner. **Paideia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1957.

PAVIANI, Jayme. **Aa origens da ética em Platão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

NAGEL, Thomas. **Uma Breve Introdução à Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia**. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Imaginação e criatividade na infância**. 1ª ed. Lisboa: Dina Livro, 2012.